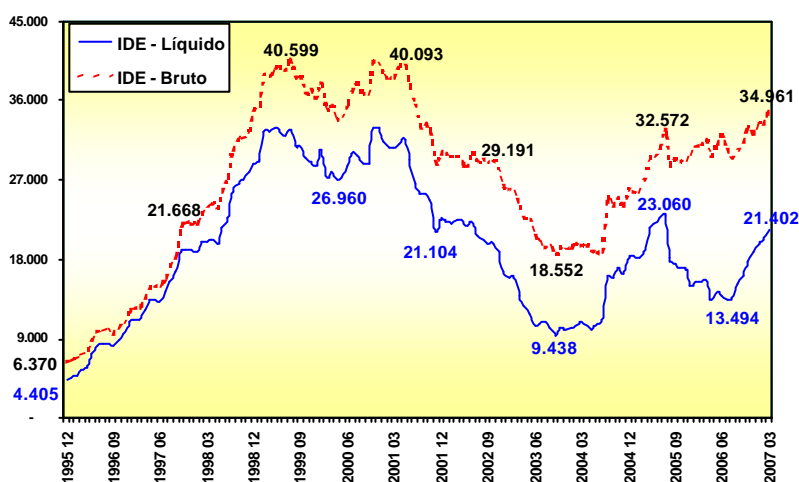


O ajuste externo da economia brasileira ao longo dos últimos anos favorece a previsibilidade em horizontes de prazo cada vez mais longos. Com isso, os Investimentos Diretos Estrangeiros Brutos (IDEB) já acumulam US\$ 34,961 bilhões nos últimos 12 meses, montante não muito inferior ao pico histórico, de US\$ 40,599 bilhões, de 1999, auge do período de privatizações. Se levarmos em conta que não há ativos sendo privatizados no momento, o atual ingresso bruto de investimentos pode ser considerado excepcional. Mas mesmo se não adotarmos a hipótese de repetição dos investimentos estrangeiros em privatizações o quadro também é positivo. Considerando o atual ritmo de crescimento do IDE teremos até o final de 2007 US\$ 42,147 bilhões de IDEB, nível também superior ao recorde de 1999.

Trajatória Ascendente do Investimento Direto Estrangeiro Bruto Aponta para Rompimento de Recorde Histórico em 2007

Como divulgado pelo Banco Central, o investimento direto estrangeiro líquido (IDEL) atingiu US\$ 6,578 bilhões no primeiro trimestre do ano, valor 84% superior ao do mesmo período de 2006. No acumulado em 12 meses os valores são sistematicamente crescentes. Se ao final de 2006 o IDEL chegou a US\$ 18,408 bilhões, nos últimos 12 meses até março deste ano o mesmo já acumula US\$ 21,402 bilhões. Há 8 meses os dados do Banco Central já denotam uma trajetória ascendente nesta comparação. Na hipótese de manutenção do ritmo de crescimento deste período, o IDEL atingiria US\$ 36,130 bilhões ao final de 2007. O que esses dados indicam é que a apreciação cambial não afeta negativamente o fluxo de investimentos diretos estrangeiros por conta do encarecimento dos ativos em moeda local, como sugerido por alguns. A lógica do investimento estrangeiro direto se define em um horizonte de longo prazo. Nesse sentido, a apreciação cambial corrente propiciada pelo ajuste externo das empresas brasileiras ao longo dos últimos anos favorece a previsibilidade em horizontes de prazo cada vez mais longos. Além disso, a apreciação cambial também favorece não apenas a redução de taxas de juros e o custo de capital, como também fortalece a demanda interna por meio do aumento de salários reais. Não por acaso, portanto, que observamos o aumento do apetite estrangeiro por ativos brasileiros simultâneo à apreciação do real.

Gráfico 1: Investimento Estrangeiro Direto (US\$ mi) Acumulado 12 meses



Fonte: BCB

Elaboração: Sobeet

Este quadro melhora ainda mais se agregarmos ao Investimento Direto Estrangeiro Líquido (IDEL) as saídas decorrentes de empréstimos intercompanhias, totalizando o Investimento Direto Estrangeiro Bruto (IDEB), como se observa no gráfico 1. Neste caso, os dados do Banco Central acumulam US\$ 34,961 bilhões nos últimos 12 meses.

Boletim da SOBEET

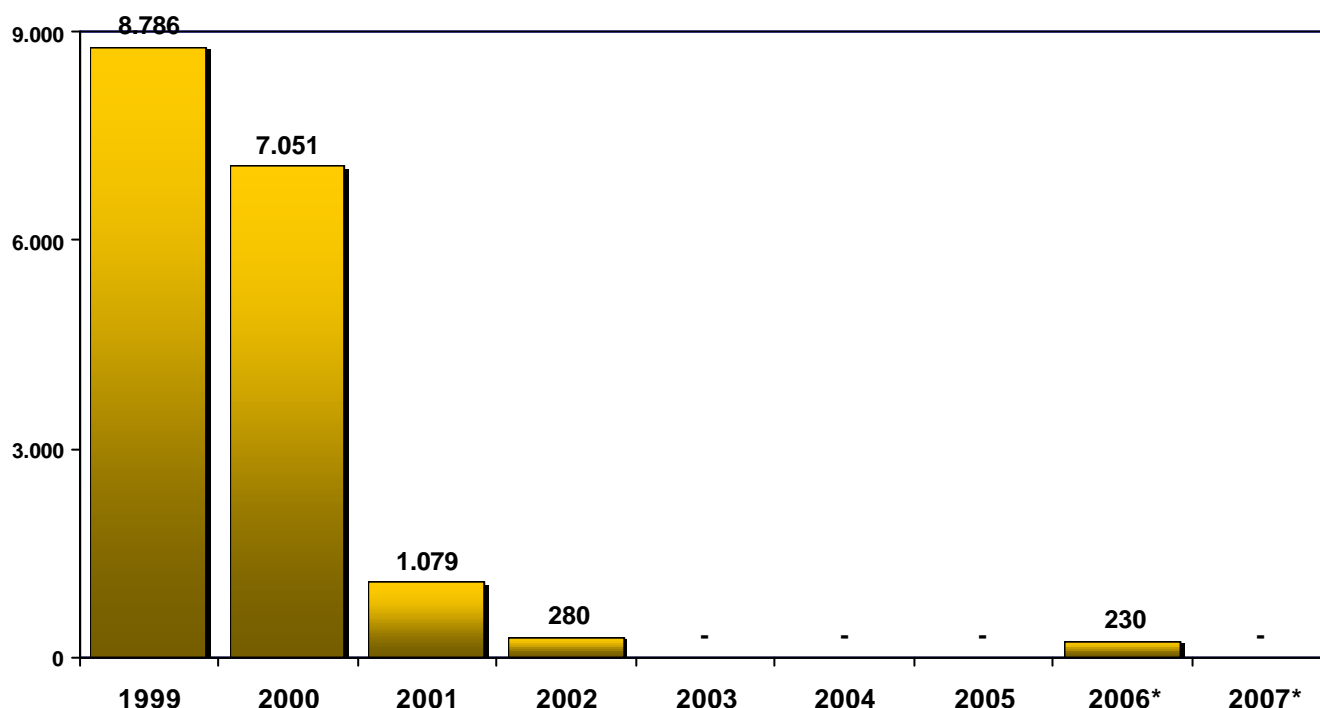
Edição e Redação: Luís Afonso
Fernandes Lima

Avenida Paulista, 326 - 1º andar -
Conjuntos 15/16
01310-902 - São Paulo - SP - Brasil
tel/fax: 55 11 3287-6987/3251-2237
e-mail: sobeet@uol.com.br
site: www.sobeet.com.br

As saídas decorrentes de desembolsos e amortizações de empréstimos intercompanhias, de US\$ 13,559 bilhões neste mesmo período, em nada reduzem o mérito desses dados de IDEB. Trata-se apenas de um movimento de filiais brasileiras de empresas transnacionais diante da percepção de que a apreciação do real já valorizou o suficiente suas remessas convertidas para outras moedas. Ou seja, as remessas de recursos de filiais brasileiras para suas matrizes no exterior não caracteriza redução de investimento, mas apenas a busca do momento oportuno para realizar suas remessas correntes.

O que vale a pena observar é que o valor já atingido de US\$ 34,961 bilhões de IDEB acumulados nos últimos 12 meses equivale a montante não muito inferior ao pico histórico desta série, de US\$ 40,599 bilhões, observado em meados de 1999, auge do período de privatizações no Brasil. Vale lembrar que em 1999 o Investimento Direto Estrangeiro em privatizações atingiu US\$ 8,786 bilhões. Apenas o setor de telecomunicações teve participação de 76% neste montante, ou de US\$ 6,659 bilhões. Se levarmos em conta que não há ativos sendo privatizados no momento, como se observa no Gráfico 2, o atual ingresso bruto de investimentos pode ser considerado excepcional. Basta verificar que se tivéssemos agora o mesmo montante de privatizações do ano de 1999, o Investimento Direto Estrangeiro Bruto atual teria chegado a US\$ 43,747 bilhões, superando o recorde de 1999.

Gráfico 2: Investimento Estrangeiro Direto (US\$ mi) Participação em Privatizações



Fonte: BCB

Elaboração: Sobeet

Mas mesmo se não adotarmos a hipótese de repetição dos investimentos estrangeiros em privatizações o quadro também se mostra bastante positivo. Considerando a taxa de crescimento média do Investimento Direto Estrangeiro Bruto desde meados de 2004, quando a sua recuperação teve início, teremos até o final deste ano US\$ 42,147 bilhões de IDEB, nível também superior ao recorde de 1999, de US\$ 40,599 bilhões. É verdade que nesta trajetória o IDE não vem se comportando de maneira uniforme. Neste primeiro trimestre de 2007 destacam-se as crescentes participações no total de IDE da indústria química e automobilística, com 19,4% e 4,9% do total de IDE, respectivamente. Nos setores de serviços destacam-se neste primeiro trimestre as crescentes participações de comércio e transportes, com 8,1% e 4,9% do total de IDE, respectivamente. Em termos de origem de capital, destacam-se as crescentes participações dos Estados Unidos, Países Baixos, Espanha e Alemanha, com 26,6%, 24,5%, 9,6% e 8,8%, respectivamente, do total de fluxos de IDE no primeiro trimestre de 2007.

Cabe comentar que o fenômeno do aumento do Investimento Direto Estrangeiro não é exclusivo do Brasil. Segundo dados da UNCTAD, o fluxo global de IDE cresceu 34,3% em 2006, tendo totalizado pouco mais de US\$ 1,2 trilhão, a segunda maior medição na série histórica da UNCTAD. Interessante observar nos dados da UNCTAD que a América Latina tem mantido proporção razoavelmente constante como destino dos fluxos de IDE ao longo dos últimos anos. Supondo que o ritmo de crescimento da economia mundial em 2007 seja próximo ao registrado em 2006, que o crescimento dos fluxos de IDE no Mundo tenha continuidade, e que a América Latina mantenha sua proporção no total de fluxos globais de IDE, é razoável supor que o Investimento Direto Estrangeiro para o Brasil continue surpreendendo.

PRESIDENTE e DIRETOR FINANCEIRO: Luis Afonso Fernandes Lima (Grupo Telefónica)

VICE-PRESIDENTE: Reynaldo Passanezi (BBVA)

DIRETORA TÉCNICA: Maria Antonieta Del Tedesco Lins (PUC-SP/FGV Projetos)

DIRETOR: Nicola Tingas (Economista-chefe FEBRABAN)

DIRETOR: Fernando de Paula Rocha (JGP Gestão de Recursos)

CONSELHO CONSULTIVO:

PRESIDENTE: Hermann Wever (Siemens Brasil)

André Costa Carvalho (Banco Credit Suisse); **Antônio Corrêa de Lacerda** (PUC-SP); **Antonio Martins da Cunha Filho** (DECEC-BACEN); **Antonio Prado** (BNDES); **Armando Castelar Pinheiro** (IPEA); **Arno Meyer** (Ministério da Fazenda); **Carlos Eduardo Carvalho** (PUC-SP); **Carlos Kawall** (Ministério da Fazenda); **Christian Lohbauer** (ABEF); **Gustavo Franco** (PUC-RJ); **John E. Mein** (Consentes); **Luciano Coutinho** (IE-UNICAMP); **Marcelo Resende Allain** (Nestlé); **Maria Helena Zockun** (FIPE-USP); **Maurício Mesquita Moreira** (BNDES); **Octavio de Barros** (Bradesco); **Otaviano Canuto** (BID); **Renato Baumann** (UnB/ CEPAL-Brasil); **Ricardo Bielschowsky** (CEPAL-Brasil); **Rolf-Dieter Acker** (BASF); **Rubens Barbosa** (Ex-Embaixador do Brasil em Washington); **Rubens Ricupero** (Ex-Secretário Geral da UNCTAD); **Sandra Polónia Rios** (CNI); **Vera Thorstensen** (Missão do Brasil na OMC); **Virene Roxo Matesco** (EPGE/BRE-FGV-RJ); **Winston Fritsch** (Rio Bravo); **Yoshiaki Nakano** (FGV-SP)

Mantenedores



ThyssenKrupp Metalúrgica
Campo Limpo

uma empresa
ThyssenKrupp Automotive

